

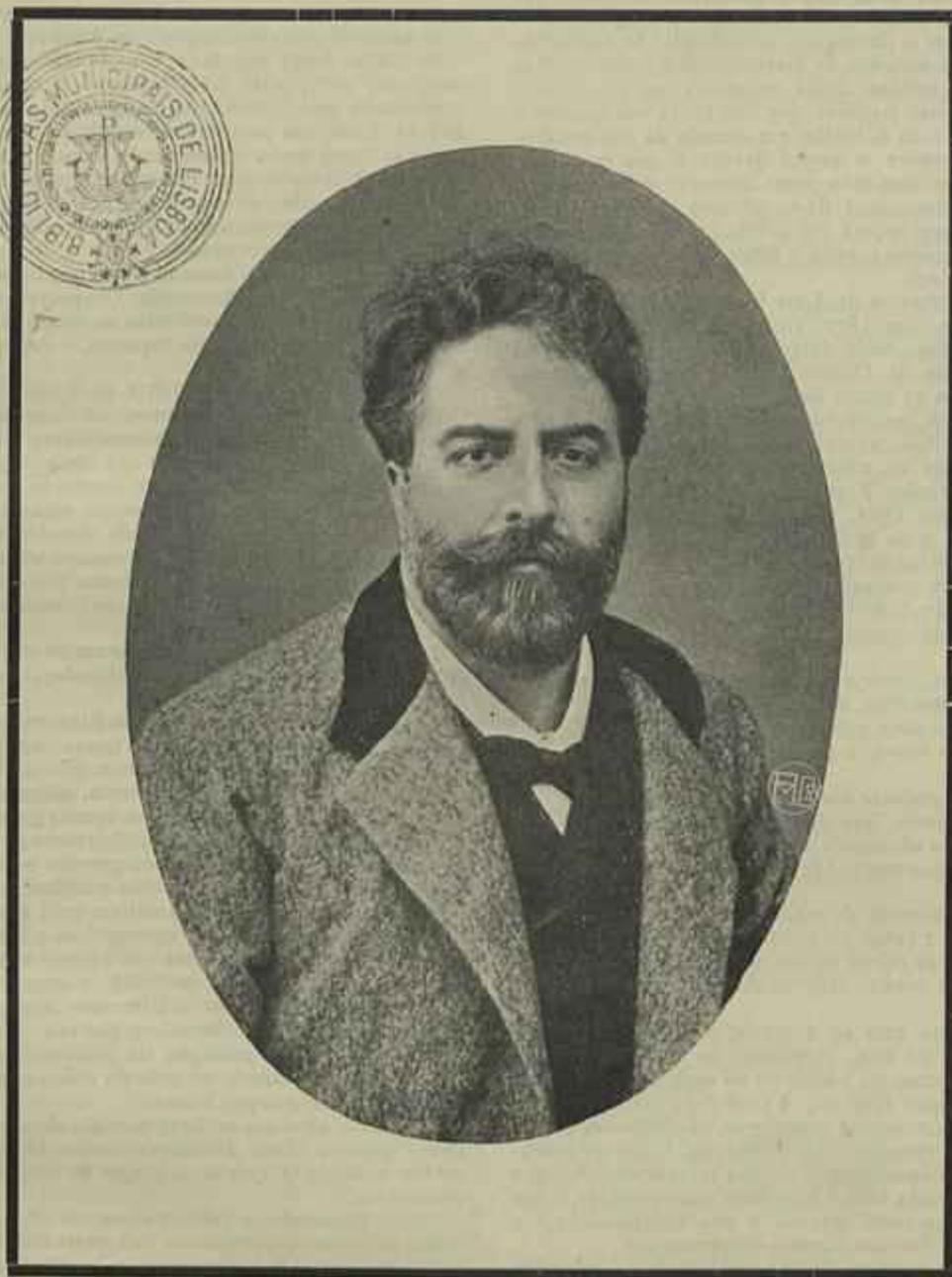
OCCIDENTE



REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º 4 entrega	33.º Anno — XXXIII Volume — N.º 1149	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$650	\$120	30 de Novembro de 1910	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		



CONDE DE VALENÇAS, DR. LUIS LEITE PEREIRA JARDIM

Nasceu em Coimbra a 15 de setembro de 1843 — Faleceu em Lisboa a 16 de outubro de 1910

CHRONICA OCCIDENTAL

Não venham para cá dizer-nos que o criterio geral da sorte do paiz é o do fado que correm os lobis-homens, á meia noite, nas terças e sextas-feiras, olheirentos, chupados, vagabundos, funereos: sete adros, sete encruzilhadas, sete rios, sete villas acastelladas, sete valles e sete outeiros. Não venham cá dizer-nos que a creatura macilenta do nosso fadista, de olho em alvo e gre-

nhá ao vento, harpejando e cantando pela rua abaixo o conhecido mote de um fado tipico:

Se vires a mulher perdida
não a trates com desdem,
porque Deus tambem castiga,
não diz quando nem a quem...

Não venham para cá dizer-nos que a miseria social, miseria organica d'esse homem, e a melopea triste da glosa que se segue a esse mote, é «a patria que passa!»

Quem uma vez disse que o cruel e triste fado, desde o Senhor Dom Miguel, que o batia, até ao

povo, que o geme, é a característica propria de todo o português, e que a sina, o acaso, a sorte que preside ao nosso destino, que determina as nossas acções, e que explica os mais varios aspectos da nossa existencia, atirando nos com o pé direito á ventura ou com o pé esquerdo á desgraça, é o que melhor define o povo português — quem uma vez disse isto, andava tão longe da verdade, como quem anda pela terra se acha longe da lua.

Attribuir ao fado, a esse mesmo fado choradinho, que nos fala de Ignez de Castro e da Severa, da paixão e da desdita, do ciúme e da vingança, de sonho e de saudade, e tudo, e sempre, num mesmo ritmo, alanceado, gemebundo, irreparavel; attribuir a essa melopeia sempre amarga, tudo quanto em nós existe de conformação e de esperanza, de bonhomia e de paciencia, em presença dos grandes males, muitas vezes até na irrisão da propria morte; e não só attribuir ao fado, que tanto serve para cantar o amor ridiculo, ou o nefando crime, como serve para cantar o descabro da patria, mas dizer-se ainda que o fado é toda uma mentalidade, e é toda uma Historia... Por amor de Deus!

Neste mesmo momento, em que o povo português faz prova de uma tão extraordinaria força de vontade, e de tão convictos propositos de remodelação da patria, que bello desmentido elle oferece a uma tão facil e leviana deturpação dos factos!

De resto, elle não está fazendo senão uma nova affirmacão de qualidades bem patenteadas em muitas outras fazes da sua existencia, algumas das quaes universalmente assignaladas.

Remontemos, se o leitor está por isso, ás primeiras tentativas da constituição da nossa nacionalidade. E para não irmos parar muito longe, e esta chronica não vir a deitar para muito tarde, bastará talvez lembrar quanta energia e quanto entendimento nós tivemos de empregar para povoarmos as manchas incultas, para arrotearmos o sólo, para nos fixarmos á terra, quando tão atrasada era ainda a grande obra politica de um grande ideal.

Chega-nos depois a corrente que dirige a actividade governativa para as conquistas da Africa, e o bom successo das primeiras aventuras faz explodir na alma portugueza o que nella ha, e que é muito, de errante e moura. A pouco e pouco vae crescendo a ancia das viagens; queremos ver e queremos possuir terras novas, riquezas novas, dominio novo. A principio só vão os mais ousados, mas não tarda que a narrativa quente das façanhas impulse os timidos e os prudentes, e tudo quer emigrar, com a miragem do poder e da fortuna. Uns são navegantes, outros acabam em guerras insensatas.

Surgem as riquezas da India com o seu deslumbramento. O espirito da aventura alastra de tal sorte, que parece pairar na terra portugueza um delirio das grandezas. Mas os galeões e as caravelas não voltam do Oriente, não ha mais noticia dos que partiram, toda a fonte se exaure, e a miseria, torna-se, rapidamente, tragica. Pois apesar de tudo ainda podemos tentar, com o pouco que nos restava de válido, a infausta conquista de Marrócos.

Quando depois a Hespanha annexa o nosso territorio, encontra a terra inculta, e uma tremenda divida publica; nem lavoura, nem industria, uma penuria. Mas eis que por uma bella manhã, recuperando a independencia, vem-nos a

CONDE DE VALENÇAS

Amicum perdere est damnorum maximum.
PUBLIO SYRO.

noticia do ouro e das pedrarias do Brazil, e nem o medo das febres da Terra Quente, nem da desolação do Mar Coalhado nos contém os impetus da alma aventureira.

Vêm depois os jesuitas, e sugam-nos; vem o terramoto, e arrasa-nos. E nós, o que fazemos? reconstruímos a cidade e expulsamos o inimigo.

Realmente, attribuir ao cruel e triste fado, ao fado bréigeiro, ou ainda ao fado das salas, tudo o que em uma tal successão de grandes épocas e de grandes factos existe, e, ora tão refulgentemente, ora tão tenebrosamente se assignala, quer-nos parecer que é pouco!

A interpretação mais corrente de certas expressões muito nossas, que, aos que têm por habito deprimir a patria, serve de argumento contra a nossa attitude quasi sempre tolerante na presença dos grandes despotismos, quasi sempre benevolenta na presença das grandes vaidades, quasi sempre resignada na presença das grandes desventuras, quasi sempre tímida na presença das grandes arbitrariedades, quasi sempre sobria, emfim, na presença dos grandes exageros, é, em geral, uma interpretação erronea. Assim, por esta expressão: «Ter paciencia», entende-se uma necessidade imperiosa, a obediencia, de olhos fechados, a obediencia cega, a alguma lei fatal, o não tugar nem mugir perante a imminencia de um perigo, a ameaça de uma catastrophe, a promessa de uma sóva. Esta outra: «Se Deus quizer» — parece tudo submeter a essa condicional que tem muito de unção religiosa. Ainda esta mais vaga, mas não menos energica como expressão de quem se acha bem decidido a correr todos os riscos: «Ha-de ser o que fórl» — para muitos equivale a uma plena confissão de indolencia e abandono que não depõe muito a favor do animo de quem a profere.

Ora, eu penso que a exacta interpretação de todas estas expressões, e de tantas outras que possuímos e de que usamos com frequencia, é quasi sempre uma interpretação irronica. Assim, na presença de qualquer contrariedade grave ou de qualquer contratempo passageiro, nós conjugamos o nosso *Ter paciencia* numa tão bem simulada attitude de quem realmente se conforma com o prejuizo sério ou com o ligeiro transtorno que pode causar-nos essa contrariedade ou esse contratempo, que dir-se ha, á primeira vista, dispormos de uma filosofia excessivamente commoda para encarar a vida; e os mais nervosos, os de temperamento mais irrequieto, invejam-nos a serenidade, e apodam-nos de indolentes, bonacheirões, e papa-móscas. E nós, deixando-os dizer, rimos para dentro, e vamos tratando pela calada de remover a contrariedade, com paciencia é certo, mas ao mesmo tempo com esta grande teimosia de vencer, que não se póde negar-nos, e que não é bem uma das nossas peores virtudes.

Nós dizemos: «Se Deus quizer!» com uma apparente confiança tão grande na divina Providencia, nessa mesma divina Providencia que ainda ha pouco era invocada até no discurso da corôa, como se de facto estejamos á espera de que o remedio para o nosso mal, só nos venha do céo, ou como se acreditássemos que só do céo nos podesse vir a recompensa para quanto trabalho e quanto esforço andamos empregando na terra. E a verdade é que, parecendo que tudo nos succede conforme Deus quer e é servido, cada um de nós vae fazendo por sua parte o mais que póde para conseguir o que deseja...

Eu, que sou pobre, e tão pobre como Job, sou tambem ambicioso como aquelles que mais o são. Tenho a mania das grandezas: e cada vez que encontro na rua um homem feliz que vae todo mettido no seu grande casaco de pelles; ou vejo passar uma carruagem de excellentes mólas, bem estofada, bem envernizada, bem puxada por alguma soberba parella de cavallos; ou no momento em que passo por deante da porta de um palacio, essa porta se abre e eu entrevejo o conforto, a riqueza, o bom-gosto do que ha lá dentro; eu, que sou pobre como Job, quero ter tambem o meu casaco de pelles, a minha carruagem, o meu palacio, e digo para commigo: — Pois deixa tu estar, rapaz, que — se Deus quizer! — ainda um dia chegarás a ter tudo isso... E o que faço eu, ou, no meu caso, o que faz qualquer de nós, que não queira deixar-se ficar a um canto a morder-se de inveja por haver cidadãos felizes que têm casacos de pelles, boas carruagens e opulentos palacios? Ponho uma loja, lavro a terra, vou para as roças de Africa. E quando um bello dia Deus quer que tambem eu seja rico, nesse dia posso dizer que, muito antes de querer Deus que eu o fôsse, me tinha eu decidido a querer sê-lo!

JOÃO PRUDENCIO.

A magua que me punge só é excedida pela saudade que sinto ao escrever estas linhas de devida homenagem á memoria de um amigo querido que ha mais de trinta annos me distinguia com sua honrosa amizade, com seus afétuosos favores, com a afavel intimidade de interessantes palestras em que tanta vez se trocavam impressões sobre arte, literatura ou politica, de que resultava sempre alguma luz, um superior conceito ou uma proveitosa lição.

Que saudade! e nem sei como cumprir o dever que me corre de traçar este breve elogio de quem tanto se elevou por seus talentos e incançavel trabalho pela causa da instrução, por todos os progressos da sua patria, que elle muito amava e á qual dedicou desinteressadamente o melhor da sua vida e os recursos da sua fortuna.

Sim, eu não sei como falar do conde de Valençás, deste português por tantos titulos illustre, que o menor seria aquelle com que a magnificencia de um rei o distinguia, quando elle se distinguia por tanta nobreza de merecimentos proprios. Mas grandes seriam meus remorsos se não viesse aqui, nestas paginas que elle tanta vez honrou e illustrou com o brilho e a ciencia da sua colaboração, render o preto devido á sua memoria, ainda que isso meu pezar aumente ao recordar a perda irreparavel deste obreiro do bem, que a morte teve pressa em arrebatá-lo aos disvelos de sua estremosa esposa e filhos, e de quantos muito lhe queriam.

Eu conheci o dr. Luis Jardim, depois conde de Valençás, por 1877, vinha elle de Coimbra, sua terra natal, onde deixara a cadeira de lente da Faculdade de Direito, que conquistara por concurso aos 25 annos de idade.

Era um gentilhomen em toda a extensão da palavra. Sua cabeleira romantica fliava-se ainda nos restos de romantismo que passara, como a de Guimarães Fonseca, a de Thomaz Ribeiro, a de Simões Dias, que já pagaram seu tributo á morte, e a de Bulhão Pato, ainda vivo para gloria das letras portuguezas.

Era um romantico, era um poeta, que na *Chrysalida*, de Coimbra, publicava as primicias da sua lira de estudante:

*Helena, lembra-me ainda a doce aurora
Da esperança, do amor e da alegria;
E sinto uma saudade scismadora
No teu mavioso olhar, que me sorria.*

*Se eu podesse outra vez volver ainda
A estancia, que deixámos venturosa,
Ficaria abraçado á visão linda
Da nossa mocidade tão saudosa.*

*Mas as rosas do amor lá nos ficaram
Entre a relva do prado emurchecida
Como as flôres do outomno já sem vida
Nossos sonhos alegres desmaíram.*

O poeta não se deixava, porém, absorver no dedilhar da lira, e quando se apresentava em Lisboa trazia na bagagem os seus *Estudos sobre organização judicial, A liberdade testamentaria, As magistraturas populares, As alfandegas e o systema economico de Portugal*, o que representava já a operosidade do seu temperamento, que se comprazia numa actividade pouco vulgar, tanto mais apreciavel quanto a sua independencia e meios de fortuna disso o dispensavam.

Parece-me ainda estar vendo o dr. Luis Jardim quando pela primeira vez entrou nesta redacção á qual vinha oferecer o seu opusculo a *Instrução primaria no municipio de Lisboa*. O entusiasmo com que falava das escolas e do ensino no país, a questão magna que sobrelevava a todas, para o renascimento da patria portugueza, que tão descurada andava.

Tinha sido eleito vereador do municipio de Lisboa, do qual era tambem vice-presidente, tendo a seu cargo o pelouro da instrução, onde organizou todos os serviços da instrução primaria, apresentando larga e bem fundamentada reforma que requeria para as escolas os exercicios militares com instrutores do exercito, de modo a educar as gerações novas para a melhor defesa da patria, como aliaz já se usava em outros paizes adiantados.

Esta util innovação que chegou a pôr-se em pratica, foi mais tarde posta de parte, por motivos

que não esmiuçaremos, mas em que influuiu a politica, e que haverá nesta terra em que ella não influa?

Entretanto o dr. Luis Jardim, quando deputado ás côrtes, renovava no parlamento, em 1882, a iniciativa da sua reforma da instrução primaria, infelizmente sem melhor resultado.

Para seguir cronologicamente a ordem dos factos que ilustram a vida deste português benemerito, tenho que me referir aos Albergues Noturnos fundados, em 1881, sob a protecção de El-Rei D. Luis, mas de que o dr. Luis Jardim foi a grande alma, porque a esta humanitaria instituição elle dedicou o melhor de seu esforço e actividade, como aliaz a tudo em que entrava.

Foi elle que elaborou o projeto de estatutos, que organizou todos os serviços do albergue, concorreu largamente do seu bolso e por sua influencia alcançou donativos com que consolidou aquella instituição, influindo para isso não pouco os relatorios, que todos os annos publicava, como secretario da direcção, e que a par das contas e estatistica, eram obras literarias de grande apreço.

Sem me desviar do assunto direi que o Albergue Noturno de Lisboa, foi mais tarde ampliado, por sua iniciativa, com uma escola primaria, onde as creanças recebem além do ensino, livros e o mais que precisam para o estudo, juntamente com uma refeição diaria que lhes é fornecida.

O plano desta escola era mais vasto ainda, pois, em 1888, o dr. Luis Jardim apresentava á assembleia geral do Albergue, presidida por El-Rei D. Luis, um projecto de escola profissional, baseado num serio e demorado estudo (1). Nas conclusões deste projeto em que pugna pela educação do operario, encontram-se periodos como o que segue e mostram quanto interesse lhe merecia a causa do proletariado:

«— A educação do homem como produtor, tem sido entre nós muito descurada. D'aqui vem o não serem cabalmente aproveitadas as forças humanas, geradoras de todas as riquezas, e cuja perda é um grande mal.»

A doença e morte d'El Rei D. Luis, e acaso outras causas que ignoramos, não permitiram que se puzesse por obra este importante projeto.

Em 1886 o dr. Luis Jardim era agraciado com o titulo de conde de Valençás, derivado de uma das suas propriedades do Alemtejo, e nesse mesmo anno era proposto socio da Academia das Ciencias de Lisboa, firmando o parecer, altamente honroso para o candidato, Thomaz Ribeiro, relator, José Dias Ferreira e Ignacio Francisco Silveira da Motta.

Esse parecer em que se relatavam as obras do dr. Luis Jardim até ao tempo publicadas, concluia seu juizo por esta fórma:

«Para terminar, — dizia Thomaz Ribeiro — mencionarei uma obra literaria do nosso candidato: *O Tumulo de Gambeta em Nice*. E' escrito em estilo alevantado e nelle se revela, além do saber respectivo do panegirista, a innata generosidade dos seus sentimentos. Concluiremos pedindo á Academia que receba no seu gremio este candidato. Merece-o, não só pelas publicações que nos fóram presentes, mas tambem pela sua vida publica, sempre laboriosa, escrupulosa e honesta. A Academia poderá contar nelle como um filho trabalhador, intelligente, instruido e amante, dotes que não pódem ser indifferentes á sua justa ambição de engrandecimento e gloria.»

Foi com o voto unanime da Academia que o dr. Luis Jardim entrou no seio da douta corporação, que soube sempre honrar.

A politica atraiu-o no bom sentido de ser util á causa publica, com a independencia do seu character e ainda a que seus meios de fortuna lhe permitiam.

Eleito deputado, a primeira vez em 1879, assignalou-se como parlamentar dos mais distintos e brilhantes em seus discursos, e no seio das commissões de que fez parte, tratando da instrução publica primaria e superior bem como dos negocios estrangeiros, revelando seus dotes de diplomata, o que mais tarde o indicou para ministro plenipotenciario de Portugal em Vienna d'Austria, cargo que desempenhou condignamente e sem subvenção alguma do Estado.

Primeiro, par electivo e depois vitalicio succedendo a seu pae o visconde de Monte São, illustre catedratico da Universidade, não foi menos distinta a sua individualidade na camara alta, justificando bem ali seu logar com os trabalhos em que tomou parte, sobresahindo principalmente o seu notavel discurso ácerca da agricultura do país, estudo consciencioso sobre o estado desta

(1) Veja-se OCCIDENTE vol. XI, 1888, paginas 197 e 199, n.º 349.

industria mãe, e do que convinha fazer para o seu desenvolvimento, o que chamou a atenção da camara durante duas sessões. O mesmo succedeu com o seu operoso trabalho sobre as colonias, podendo dizer-se que fôrram tres as questões que o illustre parlamentar encarou de frente, como as principaes da causa publica: a instrução, a agricultura e as colonias.

Em 1892 tomou parte no Congresso Juridico de Madrid, por ocasião do centenario de Colombo, para o que foi convidado e eleito vice-presidente, honra altamente significativa no meio de uma reunião de notaveis juriconsultos de todas as republicas Sul-Americanas. Neste congresso, presidido por Canovas del Castillo, apresentaram-se varias memorias, sendo as de maior alcance sobre arbitragem internacional, firmadas por Moret, Balbin de Unquera, Torres Campos, Marquês de Vega de Armigo e conde de Valençães. Esta foi acolhida pela douta assembleia com a maior distincção, como sendo a que, por ventura, representava mais vasto conhecimento das leis, desde os antigos codices até á moderna legislação, chegando a irrefutaveis conclusões de quanto a arbitragem prepondera hoje, mais do que nunca, na consciencia dos povos, tendo a guerra pelas armas de ceder o campo ás lutas incruentas do trabalho universal.

Esta notavel memoria do illustre juriconsulto, primeiro publicada no vol. XV do OCCIDENTE a paginas 283 e seguintes, foi feita em dois mezes, tempo que mediou entre o convite que recebeu para o congresso e a sua realisação; praso limitadissimo se o autor não possuísse larga erudição e estudos, como o provam outros trabalhos seus de grande folego entre os quaes citaremos *Os seculos da revolução*, obra de que esta revista publicou alguns capitulos, por amavel cedencia (1), mas de que deixa o restante inedito, parecendo-me este o seu mais importante trabalho, como estudo historico que vai além das communas.

Nestes estudos se comprazia o conde de Valençães, para quem as letras eram um culto da sua alma de artista e de poeta.

Tinha efektivamente esse culto. Conhecia toda a literatura estrangeira tão conscientemente como a nacional, e era tão profunda sua admiração pelos grandes autores, como vivo o desejo que tinha em proteger aquelles que se dedicavam ao improbo trabalho das letras.

E' assim que o encontramos sempre com o maior entusiasmo associando-se a todas as consagrações dos grandes artistas, quer elles sejam da envergadura de Garrett, o grande reformador da literatura nacional no seculo XIX, quer sejam como Eduardo Coelho, o popular jornalista, fundador no país do jornal de 10 réis para o povo.

Do monumento a este levantado por seus amigos e admiradores, o conde de Valençães foi um dos iniciadores, concorrendo não só com uma boa quota, mas ainda com o seu trabalho na presidencia da comissão executiva.

Tratando-se de honrar a memoria de Garrett, é ainda o conde de Valençães que se associa com verdadeiro alvoroço á creação da Sociedade Literaria Almeida Garrett, de que é um dos fundadores e presidente do conselho director, com o dr. Xavier da Cunha, Simões Margiochi, Gabriel Pereira, Alberto Bessa e Silva Leal.

A fundação desta Sociedade fez levantar por todo o país um movimento de simpatia e gratidão pela memoria do grande poeta, e bem assim a ideia de lhe dar sepultura condigna no mosteiro dos Jeronimos, iniciada por Joaquim de Araujo e levada ao parlamento por meio de uma representação firmada por aquelle distinto escritor e mais 75 nomes de pessoas importantes de Penafiel. A esta representação seguiram-se outras das principaes cidades do país, das colonias portuguesas em Paris e no Brasil, e varias sociedades scientificas, incluindo uma do Atheneu Commercial do Porto, redigida pelo escritor Ramalho Ortigão.

Pedindo o deferimento desta representação usaram da palavra, na camara alta, D. Luis da Camara Leme, e na dos deputados, Queiroz Ribeiro, Fuschini e Carlos Pessanha, mas não lograram deferimento.

Vem depois a representação da Sociedade Almeida Garrett, apresentada na camara dos pares pelo seu digno membro conde de Valençães e por elle defendida e justificada num discurso tão eloquente como vibrante, terminando pela seguinte moção: «A camara convida o governo a decretar que os restos mortaes do insigne visconde de Almeida Garrett sejam trasladados para o Panteon dos Jeronimos, e que o dia em que se rea-

lisar aquelle acto solemne seja considerado de festa nacional.»

O governo aceitou a moção com o consenso de toda a camara e em 9 de julho de 1902 appareceu no *Diario do Governo* o decreto, realisando-se a trasladação no dia 3 de maio de 1903.

Mas não param aqui os trabalhos para a consagração do grande poeta, e o conselho director da Sociedade Almeida Garrett, á frente do qual está o conde de Valençães, continua a envidar seus esforços para que os restos mortaes do immortal autor do *Frei Luis de Sousa*, tenham sepultura condigna. Assim, ao passo que activa uma subscrição para a qual concorrem muitas municipalidades do país, abre um concurso para o mausoleu, o qual, ao presente, se acha quasi concluido e que é uma notavel obra de arte dos irmãos José e Antonio Teixeira Lopes, cujo projeto obteve a primeira classificação do juri.

Foi este mais um dos benemeritos empreendimentos em que o conde de Valençães se empenhou e dispendeu muito de sua atividade e de sua bolsa tambem.

Mas isto, era uma grande satisfação para a sua alma e animo generosos, não sentindo nem as canceiras moraes, nem as fadigas fisicas, não obstante a terrivel doenca — a diabetes — que ha annos vinha minando o seu forte organismo e que, por fim, impiedosamente o atirou para o tumulo, aos 67 annos de idade, tão definhado do corpo quanto forte do espirito, que conservou scintillante até aos ultimos momentos de vida.

• •

Uns quinze dias antes de morrer, o conde de Valençães manifestara o desejo de deixar a sua bella casa de Cintra, onde se encontrava, e ir para Cascaes.

Esse desejo foi-lhe carinhosamente satisfeito pela sr.^a condessa, que logo mandou alugar o antigo palacio dos duques de Loulé, construido nos rochedos sobre a praia de Cascaes, onde a vista se perde na amplidão do ceu e do mar.

Era tudo quanto sua alma contemplativa ambicionava naquellas derradeiras horas de vida.

Ali o fui encontrar já no esquite, em que, afinal, descansava das fadigas do mundo.

A camara ardente abria amplas janelas sobre o oceano e por ellas entrava o luar disputando á luz dos cirios, que ardião aos lados da cruz redentora, o alumião singularmente o feretro coberto de flôres, como tanta vez alumiaría o moço estudante, nas poeticas margens do Mondego por onde elle divagava sua alma de poeta.

O silencio era completo! O silencio da morte, apenas quebrado, a espaços, pelo ruido das vagas que lentamente vinham quebrar-se contra os rochedos, e, naquelle recolhimento que oprime o coração e entristece a alma, mais me confrangia ao lembrar-me das horas em que conversavamos e uma ou outra vez o conde de Valençães comigo desabafava da sua doenca e me dizia, entre um sorriso resignado: — Ainda terá de fazer o meu necrologio no OCCIDENTE.

Eu derivava logo a conversa para outro assunto, mas ficava scismando triste nestas palavras, que infelizmente, ai de mim, vieram a realisar-se.

Que sua alma boa me perdõe a insuficiencia deste bosquejo, que mais não pôde exprimir, neste momento, meu coração dolorido.

CAETANO ALBERTO.



Um alevantamento de estudantes na Universidade de Coimbra

A Universidade de Coimbra é uma das instituições portuguezas mais pronunciadamente conservadora, que tem atravessado os seculos com as suas leis e regulamentos medievaes, a despeito de todas as conquistas e progressos das leis e da ciencia. Inabalavel, não tanto na orientação cientifica dos seus cursos, como no regimen

disciplinar de mais de tres seculos, vem de ha muito reclamando profundas reformas, que a libertem de velharias impraticaveis nos tempos de hoje, e coloquem os seus cursos a par dos mais adeantados da ciencia universal, na essencia e formas praticas de ensino.

Ainda, em 1901, Hintze Ribeiro tentou uma reforma da Universidade. A obra, porém, era, como ainda é hoje, para um grande pulso e demorado estudo, e assim tal reforma pouco ou nada adeantou.

O advento da Republica veio dar alma á revolta latente na academia de Coimbra, e um grupo de estudantes mais insufridos, sem atender á inoportunidade do momento, levantou o grito de revolta, invadindo as aulas, partindo com machados as cadeiras, destruindo os retratos de D. Carlos e de D. Manuel, na sala dos actos, ou dos capêlos, quebrando moveis e rasgando as togas e capêlos, que encontraram, dos lentes.

Isto se passou no dia 17 de outubro, quando deviam começar os actos da Universidade, no meio de grande vosearia, pedindo a reforma dos estatutos.

Providenciando o governo sobre o caso, dirigiu-se a Coimbra, no dia 19, o ministro do interior sr. dr. Antonio José de Almeida, em companhia do sr. dr. Manuel de Arriaga, que o mesmo governo nomeou reitor da Universidade.

A academia aceitou bem a nomeação do venerando democrata fazendo-lhe uma carinhosa recepção, assim como ao sr. dr. Antonio José de Almeida, que foi tambem muito vitoriado pelos estudantes e toda a população de Coimbra.

Com quanto seja impossivel proceder desde já a uma reforma da Universidade, que demanda tempo e estudo, entretanto o governo publicou no dia 24 um decreto: primeiro, suprimindo o curso de teologia; segundo, estabelecendo cursos livres, em todas as faculdades; terceiro, que os exames devem versar sobre todas as materias professadas durante o anno, nas respectivas cadeiras.

Sobre o fóro academico, o decreto torna facultativo o uso da capa e batina, como traje escolar. Acaba com os privilegios dos velhos estatutos com respeito ao julgamento dos delictos, que passa para as justicas ordinarias. O mesmo decreto acaba com todos os juramentos a que eram obrigados o reitor, os lentes, os estudantes e outros empregados da Universidade.

Ficam assim desde já atendidas em parte as reclamações da academia, sem prejuizo de procedimento judicial contra os estudantes que promoveram o alevantamento.

A nomeação do dr. Manuel de Arriaga para reitor da Universidade, é segura garantia para aquelle primeiro estabelecimento de ensino do

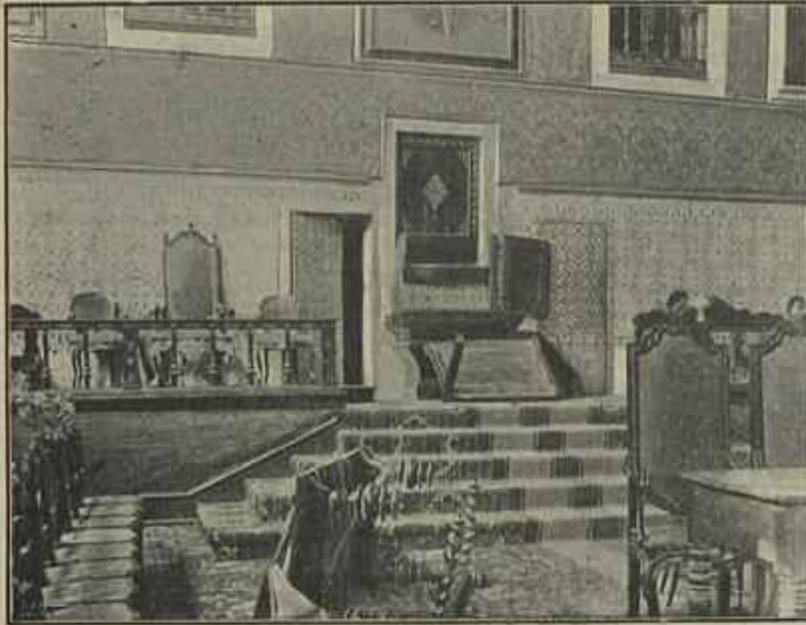


DR. MANOEL DE ARRIAGA

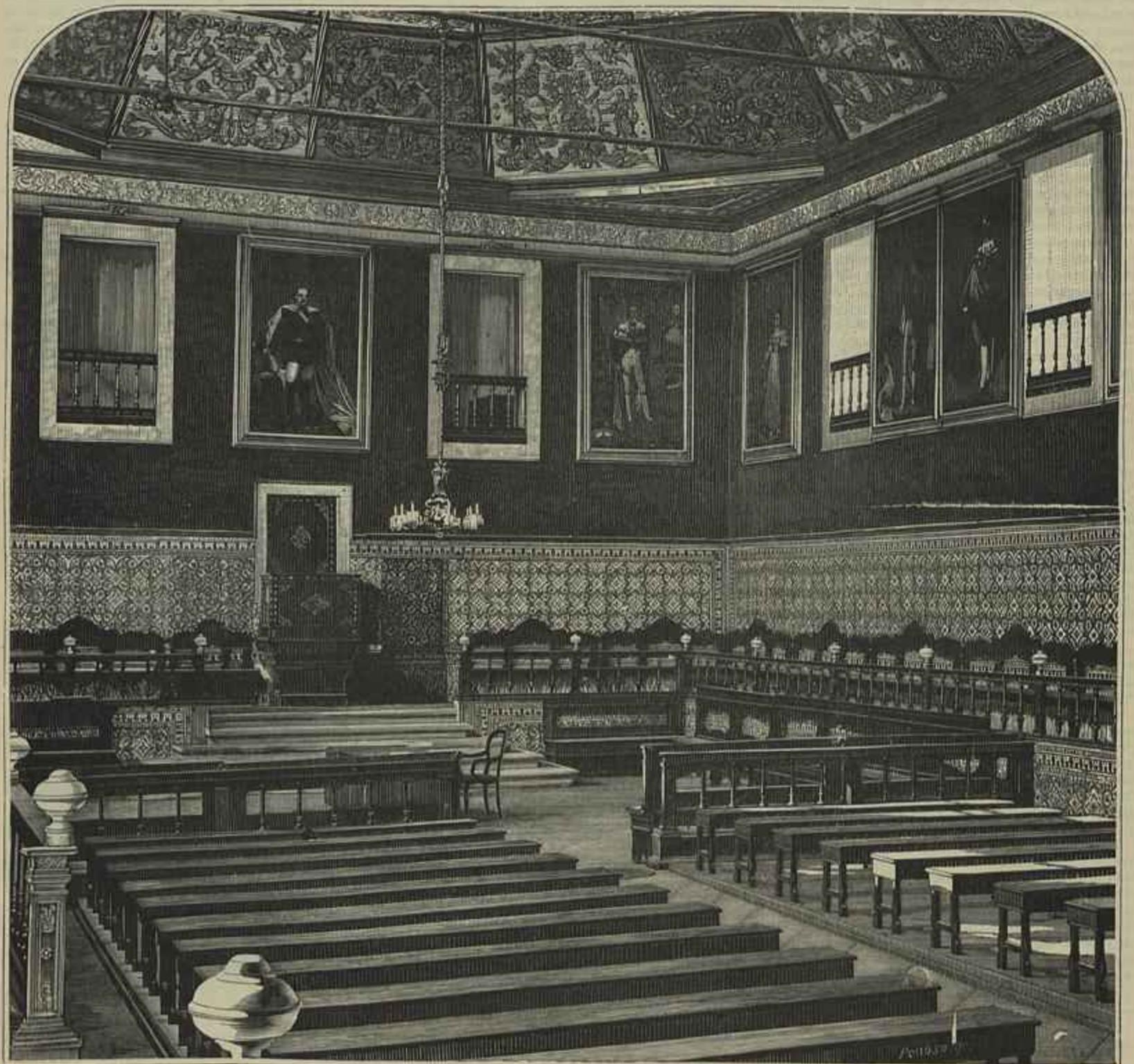
Novo Reitor da Universidade de Coimbra

(1) Vide OCCIDENTE, vol. XXII, pag. 278, etc.

Um alevantamento de Estudantes na Universidade de Coimbra



DESTROÇOS FEITOS NA SALA DOS ACTOS PELOS ESTUDANTES — NOS GABINETES DOS LENTES, OS ESTUDANTES DESTRUÍRAM MOVEIS E RASGARAM TOGAS E CAPELOS

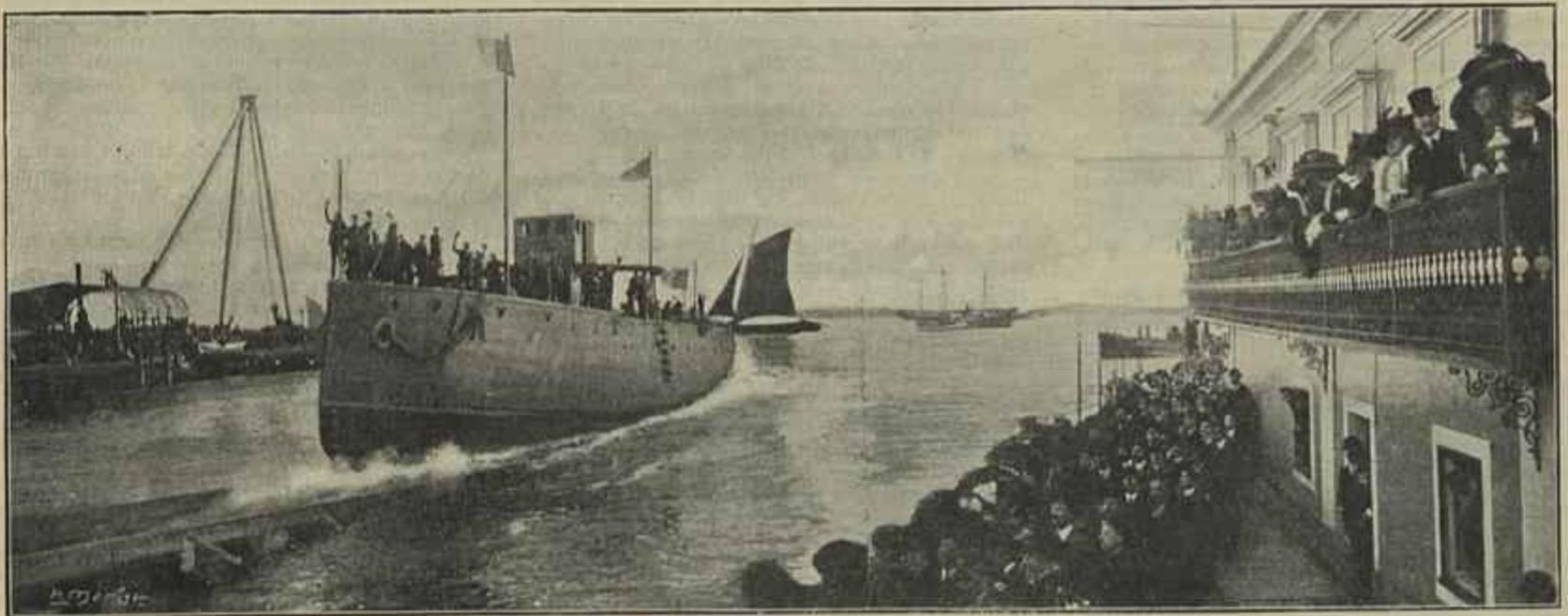


A GRANDE SALA DOS ACTOS OU DOS CAPELOS, ONDE OS ESTUDANTES DESTRUÍRAM AS CATEDRAS E RETRATOS DOS ÚLTIMOS REIS D. CARLOS E D. MANUEL

Lançamento ao mar da nova canhoneira «Ibo»



Os srs. ministro do interior e da Marinha no Arsenal, recebendo a continencia militar e as saudações dos operarios



A NOVA CANHONEIRA «IBO» ENTRANDO NA AGUA



A MANIFESTAÇÃO DO POVO DE LISBOA AO SR. MINISTRO DA JUSTIÇA

Mais de 50:000 pessoas reúnem-se na Praça do Comercio para agradecer ao sr. dr. Affonso Costa a promulgação da lei do inquilinato, que estabelece o pagamento das rendas de casa ao mez
Os srs. dr. Affonso Costa e dr. Bernardino Machado agradecem, da janela da sua secretaria

país, que entrará em uma nova fase em harmonia com todos os progressos da ciência.

O novo reitor dispõe de grande autoridade moral, tanto pela pureza do seu character, como por seu valor intelectual, formando uma das individualidades mais respeitáveis do nosso tempo.



O lançamento ao mar da nova canhoneira «Ibo»

Realizou-se no dia 18 do corrente em o nosso Arsenal de marinha, o lançamento á agua de uma nova canhoneira, ali construída, o que foi uma verdadeira festa popular, pelo muito que o nosso povo sempre se interessa por estes actos.

A concorrência do publico foi enorme e a assistência oficial completa, principiando pelo sr. ministro da marinha acompanhado pelo sr. ministro do interior, que foram recebidos por todo o pessoal do Arsenal, que os saudou calorosamente, bem como o publico.

A nova canhoneira, que recebeu o nome de *Ibo*, foi lançada ao mar com muita felicidade e no meio de indescrevível entusiasmo de toda a assistência, que rompeu em palmas e vivas á Patria, á Republica e á marinha, num verdadeiro delírio.

Ao acto do lançamento da *Ibo* seguiu-se um copo de agua em que a officialidade da marinha e o operariado do Arsenal fraternisaram cordalmente, trocando-se brindes, nos quaes se distinguio o do sr. ministro do interior que, com o sr. ministro da marinha, presidiu áquella festa naval.

A nova canhoneira tem as seguintes características: comprimento entre perpendiculares, 45^m; bôca, 8^m,3; imersão maxima á ré, 2^m,14; deslocamento, 400 toneladas; potencia, 700 cavalos indicados; duas maquinas de triplice expansão e duas caldeiras cilíndricas; pressão de regimen, 13 kilogramas; velocidade, 13 milhas; raio de acção á velocidade economica, 3.600 milhas.

A respectiva guarnição será constituída por 5 officiaes do estado maior, 9 do estado menor e 63 praças.

A *Ibo* é armada com duas peças Hotchkiss de 47 milímetros, tiro rapido, possuindo tambem um projector electrico e tendo as seguintes embarcações: um escaler de remos, um escaler a petroleo, duas balieiras e um bote.

Além da referida guarnição, a canhoneira poderá transportar uma companhia de guerra ou vinte toneladas de carga.

Os trabalhos de construção foram dirigidos pelo director das construções navaes, sr. José Gonçalo Vaz de Carvalho e pelo agente tecnico sr. Guilherme Julio de Almeida, estando encarregado de assistir ao restante fabrico o 1.^o tenente sr. Joaquim de Almeida Henriques.



Manifestações ao major Coelho, no Porto

A recepção feita no Porto ao antigo tenente Manuel Maria Coelho, um dos chefes da malograda revolta de 31 de janeiro, deu logar a ruidosas manifestações de simpatia ao grande caudilho da causa republicana, pela qual soffreu as agruras do exilio.

O tenente Coelho, hoje major, apresentou-se no Porto com João Chagas, outra caudilho da republica pela qual tambem soffreu o carcere e degredo, que afinal mais lhe avigoraram seu espirito combativo, não havendo duvida que foi elle uma das maiores forças do seu partido para a implantação do novo regimen.

Organisou-se um cortejo com musicas que acompanhou os visitantes desde a sahida da estação de S. Bento até ao Grande Hotel do Porto. Esse cortejo percorreu as principaes ruas da cidade, especialmente aquellas que foram teatro da revolta de 31 de janeiro, como a rua de Santo Antonio, a dos Clerigos a praça de D. Pedro, etc., sendo enorme a multidão que saudava os vencidos de 31 de Janeiro, que entravam agora triunfantes na cidade invicta, victoriados pelo povo tanto da rua como das janelas onde as senhoras os saudavam com lenços e lançavam flores.

No Grande Hotel do Porto, onde se alojou o major Coelho, foi este saudado por varias corporações democraticas, officiaes do exercito, sargentos, tendo tambem ali discursado varios oradores, especialmente o sr. dr. Antonio Claro, inaltecendo a obra dos revolucionarios de Lisboa, que tão maravilhosamente haviam completado o trabalho iniciado ha vinte annos no Porto.

No Palacio de Cristal foi oferecido um banquete ao major Coelho e a João Chagas, ao qual presidiu o sr. dr. Antonio Claro e iniciou os brindes, que os houve de grande entusiasmo.

Foi mais uma comemoração festiva do 31 de janeiro, dedicada aos heroes daquella revolta, muitos dos quaes estavam presentes e foram entusiasticamente aclamados.

O Doutor Storck e a Litteratura Portuguesa

(Estudo Historico-Bibliographico por J. Leite de Vasconcellos)

Foi dada á estampa, n'este anno de 1910, na typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, a obra que acabo de registar, devida ao conhecido funcionario da Bibliotheca Nacional de Lisboa e distincto professor da especialidade.

Para mim, já não era de extranho o nome de Wilhelm Storck, devi ao favor de amigo a offerta do exemplar que possuo da *Biographia de Camões*, trasladada para o nosso idioma pela illustre allemã D. Carolina Michaëlis e, assim, tive o ensejo de apreciar e admirar o profundo trabalho empreendido pelo fallecido professor da Universidade de Münster com relação á litteratura portugueza e em especial ao auctor dos *Lusiadas*.

Rendia, por isso, ao generoso amante de Portugal, o culto intimo do meu espirito enternecido.

Não encontrei novidade no gróssio volume, tambem impresso na typographia da Academia, mas, através da versão cuja leitura me deixou empolgado, comprehendí que para Storck não só não houvera ignorancia de fontes abundosas mas tambem o acompanhára entusiasmo de esforço raciocinante e plano assente de verdade.

Tudo isto se desdobra nas paginas do livro a que me refiro agora, pela penna apurada e firme de J. Leite de Vasconcellos, que teve a dita de iniciar e manter relações pessoais com o sabio allemão, a quem por mais de uma vez visitou na propria casa. D'estas cousas elle relata o explicando na *Introdução*, de paginas 1 a 17, á qual se seguem quatro capitulos primorosos, acompanhados de *Appendices*.

A realçar as provas e os meritos com que Leite de Vasconcellos se propoz prestar homenagem á memoria de Storck, visto que em vida não concluiu a obra destinada a fazer-lhe por certo, grande e agradável surpresa, opulentam e enriquecem o volume, retratos e outras estampas que lhe facilitam a efficacia de interpretação e lhe asseguram simultaneamente o valor intrinseco perduravel.

Para melhor intelligencia dos leitores, vou transcrever na integra os titulos dos quatro capitulos da obra.

Eil-os, pois:

— De como o Dr. Storck se applicou ao estudo da lingua e litteratura portuguezas;

— Obras do Dr. Storck a respeito de Portugal: I Trabalhos concernentes a Camões... II Trabalhos soltos acêrca da nossa litteratura em geral...;

— Relações epistolares do Dr. Storck com diversos escriptores a proposito da litteratura portugueza. Cartas e poesias ineditas;

— Apreciação geral e summária dos serviços prestados pelo Dr. Storck á litteratura portugueza.

Vê-se, por este quadro, que J. Leite de Vasconcellos foi deveras benedictino e que lhe assiste razão de contentamento moral, entibiado infelizmente, por haver impossibilidade irremediavel de ser levada a effeito a leitura do livro por aquelle cuja fronte larga e sympathica é presa inerte, ha mezes, da algidez tremebunda que corta todos os affectos e esmaga todas as aspirações.

Resta, porém, ao nosso compatriota, grato ainda ao bom acolhimento de que se orgulha, de ter sido objecto por parte do grande morto, a certeza de que alguns corações, reflexos amoraveis do professor Storck, saberão aquilatar e aquilatarão de facto, a delicada gentileza do tributo.

Quando um homem concebe uma ideia noble e realisa um plano sensato, uma tal certeza basta e sobeja para remunerar condignamente o individuo no tribunal da sua consciencia.

Não carece do meu applauso pelo seu trabalho posto em publico de recente data, o auctor do livro *O Doutor Storck e a Litteratura Portuguesa*, mas apodar-me-ia eu a mim proprio de pouco sincero e de injusto, se encerrasse estas singellas linhas noticiosas sem lhe dirigir esse applauso a que tem indiscutível direito. Reciba o, portanto.

D. FRANCISCO DE NORONHA.



Eu tenho um irmão que tem um irmão que não é meu irmão. Somos todos filhos legítimos.



PASSAGEM DO MAJOR COELHO NAS RUAS DO PORTO, ACLAMADO PELA POPULAÇÃO
(Instantaneo P. Cardoso)

Impossível?

Amor verdadeiro, és só chimera?
Não o creio; isto é, julgo possível
Que o amor exista; mas é crível
Que não seja para os filhos d'esta Terra.

E isso que vemos no animal, na fera,
O amor instincto só, mas definível,
Ao menos tem verdade, presumível,
E belleza tudo tem, onde esta impera.

Mas no homem, na mulher, como é diferente!
Ser que tem Deus, que tem o indefinível;
Ser unico, dos seres, intelligente!

E que inventou a troca, esse possível...
Aquelle que a não faça, nem é gente,
E só pôde ter da Terra... o impossível.

ALEXANDRE FONTES

A casa submarina

POB

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1148)

Sentei-me sobre uma penha e puz-me a pensar no caso.

Seriam capazes de vir alguns homens pela porta pequena e outros por esta onde estávamos, e vendo que ninguém lhes acudia, apesar de terem chamado, fariam saltar a porta? Com um tiro de espingarda bem preparado talvez o conseguissem. E, uma vez dentro da praça, era fácil prever o que nos succederia e a quem queríamos defender.

Não ficaria nem um só vivo, nem mesmo para contar ao mundo a historia de Czerny. Portanto, entre nós e a morte só havia aquella porta d' aço.

Mas como poderíamos nós defender aquella casa contra tantos homens?

Esta pergunta é que me fazia pensar deveras, sem saber que responder.

— Regnarte — exclamei cedendo a uma idéa repentina — a casa tem armamento?

Levantou a mão com os dedos espetados para o ar, como a significar que havia muito.

— Uma, duas — tresentas espingardas — respondeu. — Sua excellencia tem de tudo; mas ha aqui coisa muito melhor do que isso. Os senhores são marinheiros, devem saber manejar-o. Meu amo diz que não ha ninguém capaz de tomar esta entrada enquanto tiver este canhão. Agora essa bota é outro que a calça.

E começou a dar estalinhos com os dedos e a dançar á volta de nós como se estivesse doido.

Durante um minuto não pude tirar a limpo nada do que queria dizer, mas quando socogou, voltou-se para a escada que deitava para o andar inferior, e collocando-se perto da porta de aço, mostrou-me o que não tinha ainda visto, nem sequer suspeitado, ainda que ali estivesse vinte annos.

Era um canhão de tiro rapido com um escudo de aço para defesa.

— Ou isto é um *pum-pum*, ou eu sou um negro! — gritou Peter Bligh louco de contentamento ao vêr a bôca de fogo. Louvado seja S. Patricio que nos tinha preparado esta surpresa.

Dolly Venn, agarrando-me a mão todo tremulo, também exclamou:

— Ah! Mr. Begg! Que sorte! Que sorte com que estamos hoje!

Atravessei a esplanada e fui vêr com os meus proprios olhos aquella peça de artilharia, muito bem conservada e melhor collocada atraz do resguardo de aço para defender os artilheiros que a serviam e que graças a elle, podiam lutar contra cem homens.

Quem a montou ali, soube-o fazer e bem, de maneira que, não só serviria para defender a entrada da porta pequena, como esta que ficava coberta pelo seu fogo, podendo varrer o mar com um diluvio de balas sem que fôsem capazes de descobrir quem as disparava.

Mas o mais engraçado é que Edmundo Czerny, tratando de proteger a entrada de sua casa contra toda a gente, voltava agora a mesma arma contra elle proprio.

— Está bem, — exclamei cheio de entusiasmo — se tiver munições, sou capaz de defender a entrada contra quinhentos homens.

Só de pensar em tal, sentia os nervos bailarem-me de contentamento, e o suor inundou-me o rosto como se tivesse tomado um banho.

— Tens aqui um arsenal? perguntei ao italiano de modo que o surpreendeu. — Onde está, homem, onde está?

Ficou-se immovel com o susto, e murmurou: — Sua excellencia tem a chave, capitão... eu lhe ensinarei onde é o deposito, mas não se zangue commigo.

Deu meia volta e tornou a descer a escada seguindo eu logo atraz delle.

— Peter e Dolly ficam aqui — ordenei — enquanto eu vou lá abaixo com este homem. Temos que defender a entrada e defendel-a por causa da nossa propria vida. Se aquelles dois que estão ali vierem, encarrega-te de lhes fechar as bôcas, Não sei se percebes!... fechar-lhes a bôca.

— Percebo, capitão — respondeu Peter. — Fique descansado que não terão vontade de cantar psalms quando eu tiver acabado com elles.

Segui depois o italiano pela escada abaixo, e dirigimo-nos novamente para o salão. A casa estava completamente illuminada, vendo-se mulheres que andavam de um lado para o outro entrando e sahindo dos diferentes aposentos.

O italiano deteve-se em frente do quarto ao lado de miss Ruth, e começou outra vez na sua algaravia a dizer:

— Sua excellencia vive aqui... a armaria... para se lhe chegar... temos de passar pelo quarto de sua excellencia; mas sua excellencia tem a chave... eu sou o porteiro. Falo a verdade, senhor!...

Abri a porta que elle me indicou e procurei ás apalpadelas o registo da luz electrica accendendo uma das lampadas.

Era aquelle o principal aposento da casa submarina.

Viam-se grandes estantes cheias de livros em volta das paredes, cadeiras, poltronas, sophás tão grandes como camas. A cada canto, lá estava um instrumento de musica, e mezas e outros adornos em profusão. Mas para nenhama d'aquellas coisas me encontrava com o espirito disposto a dar attenção.

No outro extremo do quarto, havia um reposteiro que encobria uma porta de ferro e que julguei ser ali o deposito das armas.

Quantas voltas dei eu ao miolo para descobrir a maneira de abrir aquella porta? As chaves?! Onde estavam as chaves da maldita porta?

Porque milagre ou porque casualidade poderia eu apanhal-as á mão?

Czerny traria-as sempre consigo ou deixava-as escondidas n'algum d'aquelles armarios?

Quanto daria eu por advinhal-o?

O italiano olhava-me com curiosidade ao vêr-me dirigir para a porta. Um lance d'olhos em volta da habitação não me revelou a existencia do que eu buscava, isto é, qualquer caixa, cofre ou coisa parecida onde Czerny guardasse os seus segredos.

Para mim não havia duvida de que elle nem sempre trazia as chaves no bolso e era provavel que as deixasse ali.

Mas onde?

De repente vi brilhar uma coisa sobre a mesita que estava a um canto do quarto. Atravessei este de um salto, e vi que era exactamente aquillo porque eu daria metade da minha vida.

— Céos! — exclamei — serão estas?!...

E porque não haviam de ser?

A noticia do naufragio tinha chegado repentinamente em meio da noite.

As chaves que eu apertava agora anciosamente, tinha-as Czerny na mão quando a sineta de alarme começou a tocar. Esqueceu-se provavelmente d'ellas quando distribuia as armas aos seus homens e deitou a correr para verificar se a noticia era certa, não se lembrando de que a sua casa podia ser atacada. Estava agora nas minhas mãos o resultado do seu esquecimento.

Seria verdade isto?

Mal dei volta á chave, a porta abriu-se de par em par e vi brilhar na penumbra, armas em tal quantidade, que chegaria para municiar um exercito.

(Continúa)

RICARDO DE SOUZA.



Sobre a questão das carnes. — Conferencia realisada no Atheneu Commercial em 25 de maio de 1910, por Constancio de Oliveira, chefe da 2.ª repartição da Camara Municipal de Lisboa e antigo chefe da secção dos talhos municipaes. — 1910. — Tipografia Correia & Raposo, Lisboa. — Folheto de 45 paginas.

No momento em que de novo volta á discussão a debatida questão das carnes, para consumo da população de Lisboa, é do maior interesse a conferencia do sr. Constancio de Oliveira vinda agora á luz da publicidade. A autoridade do conferente sobre o assunto de que trata, mais interessante torna ainda sua leitura, pois é bem esplanada a materia, principiando pela iniciação dos talhos municipaes, de que faz a historia, até ás conclusões da sua conferencia, sendo de parecer que para se chegar ao regimen da liberdade de commercio das carnes é preciso primeiro a sua municipalisação.

Portugal. — Dictionario Historico, obra illustrada com centenas de fotografuras e redigido segundo os trabalhos dos mais notaveis escriptores. — João Romano Torres & C.ª, editores. — Lisboa.

Recebemos o tomo 69.º desta importante obra, a que mais de uma vez nos temos referido nesta secção com o louvor que merece, e que não temos duvida em continuar a recomendar a nossos leitores. Este tomo vae de paginas 641 a 712 do vol. 5.º, chegando ás letras P. I. C., com artigos muito interessantes.

Dictionario Universal Illustrado, Linguistico e Enciclopedico dirigido por Eduardo de Noronha. — João Romano Torres & C.ª, editores. — Lisboa.

Com a sua pontualissima regularidade sahio agora o tomo 6.º desta importantissima publicação, dirigida pelo nosso colega Eduardo de Noronha, a mais completa que tem visto a luz no nosso país. O presente tomo abrange os vocabulos que vão desde *Africa* até *Aguilera*, cerca de mil e quinhentos, e illustram-no para cima de quarenta



CENTRO NACIONAL DE ESGRIMA — Os srs. ministro da Justiça, da Guerra e da Marinha, presidindo á abertura, em 16 do corrente, das classes de gymnastica e de esgrima

gravuras, retratos, paisagens, obras de arte, mapas, etc. Este dicionario, a par de ser o mais amplo no seu genero é tambem o mais economico, pois foi fundado e está sendo organizado principalmente para os estudiosos menos abastados. É uma publicação concebida para entrar em todas as casas, ricas e pobres, e levar ali o facho da illustração, por preços que não encontra similares em nenhuma obra estrangeira da mesma categoria.



Centro Nacional de Esgrima

É relativamente moderna a fundação do Centro Nacional de Esgrima, o qual funciona no sa-

lão do teatro de S. Carlos, cedido para esse fim, e onde se tem realizado notaveis sessões de esgrima, em que tomam parte os melhores jogadores de espada, de sabre, de florete, etc.

Inutil é recomendar o jogo das armas como um dos exercicios fisicos mais proveitosos, se apenas o encararmos por este lado, mas maiores são suas vantagens se atendermos quanto é util e necessario a todos os homens o saber manejar as armas, visto não termos chegado ainda á perfeibilidade humana das pendencias, ou contendas, se resolverem pela razão, que inaltece o homem, em vez da força que o iguala á fera.

Sobre este ponto é preciso não haver illusões. A força ainda domina a despeito de toda a apreçada civilização, porque a força é innata no homem, como em todo o ser creado, e ao passo que todos os partidarios da paz se esforçam em conferencias e congressos para que ella prevaleça e

seja o norte de todas as sociedades, essas sociedades constituídas em nações, não cessam de cada vez mais se armarem para... manterem a paz... segundo afirmam.

Emquanto, porém, não chega essa ambicionada paz humana, bom é que não se descure o exercicio das armas, e num país como o nosso, que não pôde sustentar numerozo exercito, mais se impõe que todo o cidadão saiba defender-se a si e á patria para melhor garantir sua autonomia e a fazer respeitar.

Registrando a abertura das classes de gymnastica e de esgrima, não podemos deixar de render louvores á iniciativa do Centro Nacional de Esgrima, pelo empenho em que está de desenvolver no país o exercicio das armas a par dos exercicios fisicos, que tanto se recomendam hoje, como em outras eras elles fóram uso ordinario dos povos.

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar **com medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia. Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ.

Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**

Vierling & C.^a

Abriram o seu estabelecimento

104, Rua dos Capellistas, 106

17, Rua Augusta, 19

Negociam em Cambios, Papéis de Credito, Coupons, Ordens de Bolsa e Loterias.

Telephone, 2873

Endereço, Fundos.

Atelier Photo-Chimi-Graphico

F. MARINHO & C.^a

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.



COUTO ALFAIATE

Novas installações d'este atelier

Este atelier que por muitos annos esteve na rua do Alecrim, está montado com todos os requisitos modernos, e sortido com as ultimas novidades de Paris e Londres.

RUA DO LORETO

Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1. (á Praça Luiz de Camões) — LISBOA

TELEPHONE 1815



CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis